

A MAIS SENSACIONAL TRAVESSIA DO ATLÂNTICO SUL

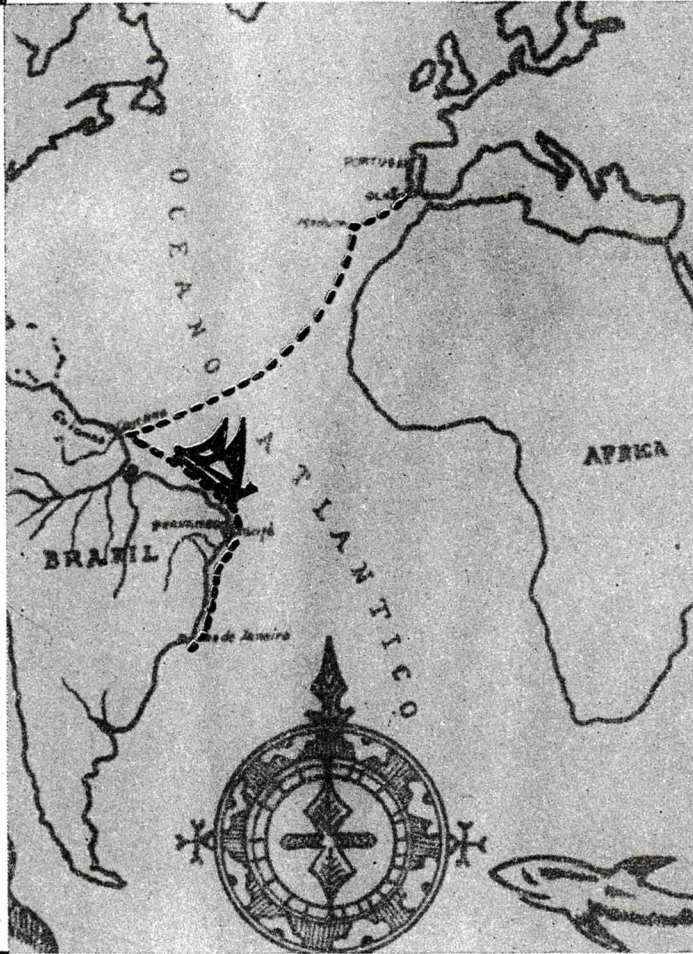
PESCADORES E CONTRA-BANDISTAS DE D. JOÃO VI

A VIAGEM DO CAIQUE "BOM SUCESSO" AO RIO DE JANEIRO, EM 1808, D. PEDRO I, AS LUTAS LIBERAIS E OS PESCADORES DA VILA DO OLHÃO DA RESTAURAÇÃO

OS tempos mudam e os

Impérios desaparecem tragados por circunstâncias várias, geralmente imprevisíveis. Não deixa de ser estranho pensar-se hoje na prepotência dos romanos, no domínio comercial e marítimo dos portugueses de antanho ou no império espanhol que avassalou o mundo, tendo a Europa a seus pés e as Américas subjugadas pela força. Esse domínio, econômico ou militar, e a ameaça que ele representava para os restantes povos do mundo, são fatos que há muito pertencem ao passado, arquivados que foram nas páginas brilhantes e heróicas ou tristemente célebres da história universal.

O desmoronamento dum império, quase sempre, e salvo raríssimas exceções, soergue sobre as suas ruínas um novo império, quando não militar pelo



Mapa indicando a rota seguida pelo caique "Bom Sucesso" na sua arrojada viagem de Olhão (Algarve) até o Rio de Janeiro.

menos econômico, não menos tirânico e nefasto que o primeiro. Foi assim desde os começos do mundo e continuará assim através dos tempos, futuro afora, na profecia árabe dos camelheiros do deserto.

No alvorecer do século XIX, a França ainda continuava dominada por Napoleão, que havia construído sobre a Europa o maior império dos tempos contemporâneos. O poderio econômico e militar dos franceses e uma cadeia de acontecimentos fora do comum, habilmente aproveitados pelo Corso, haviam possibilitado o domínio da península ibérica e forçado a família

real portuguesa a fugir para o Brasil, colocando a salvo a cobiçada coroa de Portugal.

No sul de Portugal, no antigo Reino dos Algarves, o ano de 1808 foi encontrar Olhão, pequeno burgo de pescadores, mercadejadores e contrabandistas, dominado e

Supremo Conselho de Regência, que logo depois resolveu enviar à Côrte do Rio de Janeiro um Correio Marítimo, para comunicar ao príncipe regente D. João a feliz notícia da expulsão dos franceses do sul de Portugal.

O CAÍQUE "BOM SUCESSO"

O Supremo Conselho de Regência do Reino dos Algarves escolheu para integram o correio marítimo a enviar à Côrte do Rio de Janeiro, como arautos da boa nova da expulsão dos franceses, os olhanenses que primeiro souberam erguer o grito de revolta contra o invasor estrangeiro. A embarcação escolhida para a temerosa viagem ao Brasil foi o pequeno caíque "Bom Sucesso", do capitão olhanense Miguel do Ó, membro do Supremo Conselho de Regência.

O caíque "Bom Sucesso" era uma pequena embarcação de uns 15 metros cúbicos de arqueação, proa levantada e pôpa baixa e rasa, aparelhado com dois bastardos triangulares (velas triangulares latinas), o de vante içado em um mástro comprido que pendia para a proa e o de ré em um mástro mais curto caído um pouco para a pôpa. A coberta era corrida de vante a ré, com três escotilhas, sendo duas para serventia da tripulação.

Foi nesta pequena embarcação, também conhecida por navego, pela perícia e destreza que desde sempre demonstraram os olhanenses no seu manejo, e por não possuírem outra de maior calado, construída para viagens no Mediterrâneo ou sortidas ao norte da África e usada para contrabandear, comerciar e pescar cavalas e sarrajões nos mares de Larache, que os olhanenses resolveram empreender a travessia do Atlântico, em temerosa viagem ao Brasil.

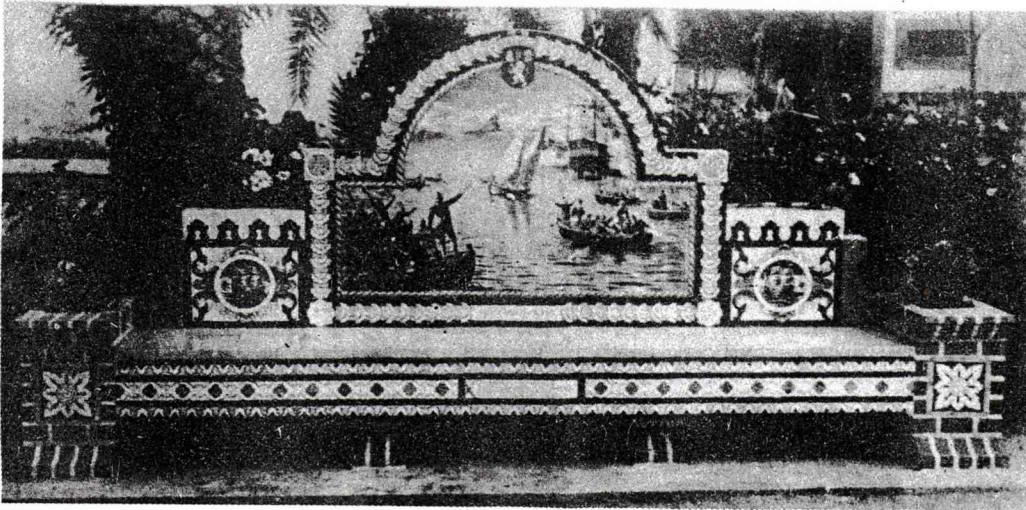
Quantos foram, ao todo, os tripulantes do caíque "Bom Sucesso", é quase uma incógnita, embora o n. 38 de "O Telégrafo Português", de 1809, num laconismo próprio da época, tenha informado que era 117, embora sem citar os respectivos nomes. Número elevado e, diremos mesmo, desnecessário, para tão pequena embarcação, obrigando ainda à sobrecarga de maiores suprimentos de água e mantimentos. Apesar



D. Maria II, rainha de Portugal

escravizado pelas hostes francesas, comandadas pelo sórdido general Marin, que, aliás, não divergia muito em despotismo, mesquinhez e desonestidade dos restantes salteadores enviados por Napoleão para saquearem Portugal. Mas os habitantes do velho burgo algarvio, ardendo em desejos de revolta e não podendo por mais tempo suportar o despotismo e rapinagem das tropas bonapartistas, exasperam-se e terminam pegando em armas, expulsam os franceses e estendem a revolta a todo o Reino, escrevendo com sangue páginas imorredouras de coragem e patriotismo.

Livres os Algarves do domínio francês, trataram os revoltosos de elegerem um



Chegada do caíque "Bom Sucesso" ao Rio de Janeiro, em 22 de setembro de 1808. Banco de azulejos de Jorge Colaço, no Jardim João Serra, em Olhão, Portugal. (Mestre Jorge Colaço, pai de Tomás Ribeiro Colaço, brilhante colaborador do "Correio da Manhã", foi um dos maiores pintores azulejistas que Portugal jamais possuiu. Os seus painéis de azulejos encontram-se espalhados por todo o mundo e são famosos, como o das Soc. das Nações, em Berna, na Suíça).

desta conjuntura sôbre a tripulação do caíque "Bom Sucesso", aventa-se, desde sempre, a hipótese de que seriam em maior número os seus tripulantes, tanto mais provável quanto é certo que as praias de Olhão, por essa época e até ao primeiro quartel d'êste século, constituíram desde sempre uma das formas mais práticas e simples dos portugueses imigrarem clandestinamente para o norte da África, ou fugirem para o estrangeiro os revolucionários fracassados e os foragidos da justiça.

Para reverberar esta hipótese, apareceram pelo nordeste brasileiro, no escurecer do século passado, pescadores e praieiros que se diziam descendentes dos pescadores de D. João VI ou dos pescadores portugueses que vieram ao Brasil numa quenga, em-



Carlota Joaquina, primeira filha de Carlos IV, de Espanha. Aos 10 anos casou com o príncipe João, depois D. João VI. Mãe de D. Pedro e de D. Miguel, tramou contra o marido a "Vilafrancada" e a "Abrilada", depois de atrair o cônjuge com o "clero, nobreza e povo". O folclore dos pescadores e contrabandistas do antigo Lugar do Olhão está pontilhado de inúmeras referências à "espanhola", cognome popular da mãe de D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal. (Grav. da época)

bora não tivesse sido averiguada, até aos nossos dias, a veracidade ou lenda dessa tradição e conseqüentemente se os antecedentes dêsses possíveis brasileiros viajaram clandestinamente no caíque, se foram tripulantes que por aqui ficaram, encantados com a terra, ou descendentes, que posteriormente imigraram para o nordeste brasileiro.

Em qualquer dos casos, são dignas de citação as conjunturas que levaram a reunir os nomes dos possíveis 17 tripulantes do caíque "Bom Sucesso", como sendo Antônio da Cruz Charrão, Antônio Pereira, ou Antônio Pereira Gémeo, Antônio dos Santos Palma, Domingos do Ó Borrêgo, Domingos de Sousa, Francisco Lourenço, José da Cruz, João Domingos Lopes, José da Cruz Charrão, João do

Moinho ou João de Munho, Joaquim do Ó, José Pires, Joaquim Ribeiro, Manuel de Oliveira e Pedro Nihil, como tendo tripulado o caïque pilotado por Manuel de

“Caso único em a História Naval de todos os povos”, como escreveu José Agostinho de Macedo em “O Novo Argonauta”, poema editado em 1809, onde afirma também que “Em toda a História de Roma se não pode marcar hum facto, que prove mais heroico patriotismo, mais honra, mais lealdade, e mais virtude”.

ANNO DE 1808.

ALVARÁ DE 15 DE NOVEMBRO.

Coll. Bras. — Delgado.

Eu o Príncipe Regente, faço saber aos que o presente Alvará com força de lei virem, que me recendo a minha Real consideração e estima, os meus fieis vassallos habitantes do lugar do Olhão no Reino do Algarve, pelo patriotismo, amor e lealdade com que no dia 16 de Junho do corrente anno se deliberação com heroico valor e intrepidez, moi propria da valerosa e sempre leal nação Portuguesa, a succidir o pesado e intoleravel jugo Francez com que se vião opprimidos e vexados, dando o sinal da restauração da sua liberdade, tyrannizada com factos injustos e violencias insufferíveis, rompendo em tiras a minha augusta pessoa, e a toda a Real familia, arvorando a bandeira portugueza, e propondo-se a sustentar com as armas na mão, e á custa do seu sangue, a causa da religião e do trono, com tanta perfidia invadido: e querendo eu dar hum testemunho de quanto bem acoitos por mim forão estes relevantes serviços, praticados com tanto brío, honra e valor, que forão o primeiro sinal para se restaurar a Monarchia, de que se tinha apoderado o inimigo commum da tranquillidade da Europa, com manifesta usurpação e ultraje dos meus Reaes direitos, e da augusta e Real familia; e ao mesmo tempo distinguir entre os presentes e vindouros, o referido lugar do Olhão e seus habitantes: hei por bem, e me pras erigir-lo em Villa; e ordenar que da publicação deste em diante se denomine Villa do Olhão da Restauração; e que tenha e goze de todos os privilegios, liberdades, franquias, honras e isenções, de que gozão as Villas mais notaveis do Reino; e permitto outro sim que os habitantes della usem de huma medalla, na qual esteja gravada a letra — O — com a legenda — Villa a Restauração, e o Príncipe Regente Nosso Senhor.

Felo que mando, etc. Dado no Palacio do Rio de Janeiro, em 15 de Novembro de 1808. — Fancivez com guarda. — D. Fernando Jose de Portugal. — Com todos os Registos competentes.

do proprio Capitão as pessoas que Art. 32. Nas os sobreditos embarcações a lção da sua a fim de serem obrigados a ju que se encontra Art. 37. Nos Mestres dos nav pagens formada rem do Reino, e lhe tenham sido consentira que outros navios e Capitães ou Me do venha no c se praticem a autoridade para tiverem cumprim engajamento.

DECRETU

M

Tendo feito n da propriedade arrematados pel para se lhes veri sem as arrematã lção de sebar n tras nos sequin rante este tempo officios: sou sei Erario se pague havia de perceb arrematções do do-se-lhes o vem desta mercê, até O Presidente do entendido, e o quaesquer leis, contrario. Pala Novembro de 1

Reprodução fotográfica do alvará de 15 de novembro de 1808, pelo qual o lugar de Olhão é erigido em Villa do Olhão da Restauração.

Oliveira Nobre e comandado por Manuel Joaquim Garrocho.

A 6 de julho de 1808, o caïque “Bom Sucesso” recebia os papéis do Supremo Conselho de Regência destinados à Côrte do Rio de Janeiro, bordejava a ria e velejava ao mar, a caminho do Brasil, rumando para a ilha da Madeira, e aportando ao Funchal, para receber suprimentos de água e mantimentos suficientes para a longa travessia do Atlântico.

No dia 16 de julho, finalmente, o caïque largava-se do Funchal e iniciava a travessia do Atlântico, rumo ao Brasil, num

que deve ter sido essa viagem em tão frágil embarcação e em tais circunstâncias, é impossível descrever, mesmo usando a imaginação fértil da fantasia, tanto mais que os tripulantes, melhores navegantes que escreventes, sabendo melhor usar a coragem e manejar o caïque que a pena, não nos legaram um minucioso diário da viagem. Restam-nos, entretanto, o roteiro da aventura, para conjeturarmos da coragem, do heroísmo e dos sacrificios que cimentaram estas páginas, quase desconhecidas, da história luso-brasileira.

Tendo deixado o Funchal, na ilha da Madeira, a 16 de julho de 1808, com destino ao Rio de Janeiro, o caïque “Bom Sucesso”, depois das aventuras já descritas, avista terra, não a brasileira mas a inimiga francesa, de Cayenne, faz-se novamente ao

mar e bordejando, não muito longe da costa, aporta a Pernambuco, para, finalmente, em penosa viagem junto à costa, demandar o Rio de Janeiro, onde chega a 22 de setembro de 1908. Havia saído do Funchal a 16 de julho, gastando, precisamente, 68 dias da ilha da Madeira ao Rio de Janeiro e atribuindo o êxito da viagem à proteção de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos homens do mar do velho burgo de Olhão.

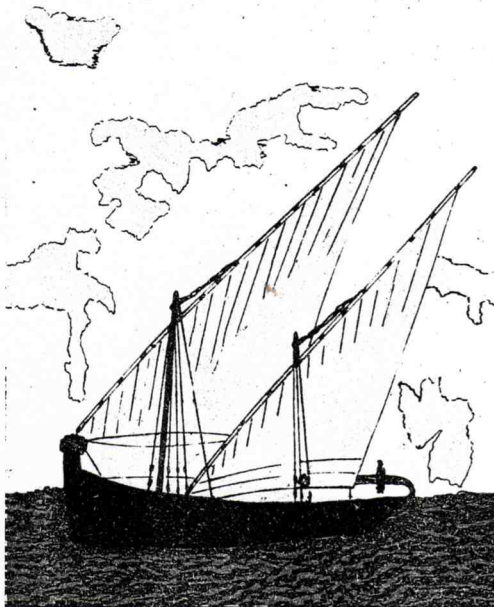
Quanto mais se examinam estas datas e se estudam as condições em que foi efetuada a memorável aventura, tanto mais claramente elas próprias revelam a coragem, a sagacidade, a perícia e a destreza dos navegantes, percorrendo os milhares e milhares de milhas que separam Olhão da Madeira, esta ilha de Cayenne e, finalmente, as Guianas francesas do Rio de Janeiro.

A arte de navegar dos árabes, alicerçada e aperfeiçoada pelo amalgamento com os lusitanos, dilatada através de gerações coragem e espírito de aventura dos olhanenses, escreveram com letras de ouro um dos capítulos mais heróicos da história marítima deste povo, descendente de grandes navegadores.

O "BOM SUCESSO" NO RIO DE JANEIRO

O caíque "Bom Sucesso" e os seus heróicos tripulantes são recebidos festivamente no Rio de Janeiro, onde são alvo da curiosidade geral e de inúmeras manifestações de simpatia. A cidade amanhecera gozando as delícias simbólicas do primeiro dia de primavera, êsse inesquecível 22 de setembro de 1808, dos pescadores e contrabandistas olhanenses, data memorável que o tempo apagou e esqueceu, na vagem implacável e vertiginosa dos acontecimentos históricos luso-brasileiros que pontilharam a grandeza do século XIX.

Resta-nos hoje, como recordação desse dia festivo e do feito heróico dos olhanenses do caíque "Bom Sucesso", alguns privilégios concedidos e o **régio reconhecimento** do príncipe-regente D. João, tão magnânimo que estendeu a sua gratidão até a pessoas de família dos famosos navegantes, concedendo mercês e isenções, distribuindo pensões e empregos. Não menos



O caíque "Bom Sucesso", que de Olhão, em esforçada travessia do Atlântico, veio trazer a D. João VI a notícia da expulsão dos franceses. (Cópia de uma gravura da época.)

significativo e importante, foi o ato que mandou que no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro fôsse conservada AD PERPETUAM REI MEMORIAM a frágil embarcação em que os ousados navegantes haviam feito a longa e perigosa travessia do Atlântico.

Mas a carta magna do feito heróico, verdadeira alforria dos olhanenses, é iniludivelmente o Alvará de 15 de novembro de 1808, pelo qual o Lugar de Olhão é erigido em Vila do Olhão da Restauração, gozando de todos os privilégios, liberdades, franquias, honras e isenções de que gozam as vilas mais notáveis do Reino, e permitindo que os habitantes da mesma usem uma medalha, na qual esteja gravada a letra — O — com a legenda — VIVA A RESTAURAÇÃO E O PRÍNCIPE-REGENTE NOSSO SENHOR.

Tal foi o epílogo da expulsão dos franceses e da libertação do Reino dos Algarves do jugo napoleônico, culminado com a viagem do caíque "Bom Sucesso" a terras do Brasil e selado com a apoteótica e

impressionadora-
mente bela aco-
lhida dos olha-
nenses pelo
povo carioca e
Côrte do Rio de

jaqueta com galão de ouro, a fina calça
branca, e no pescoço, o lenço de sêda ver-
melho ou azul, forneceu a nota amorosa e
pitoresca da história...

ANOS DEPOIS...

José Agostinho de Macedo, inteligência
fecunda e poderoso escritor, de vasta eru-
dição, que depois se revelaria dissoluto e
sanguinário miguelista, immortalizou nas
páginas de "O Novo Argonauta" a viagem
do caíque "Bom Sucesso" ao Brasil!

Que o Atlantico mar banhe a pequena
E mal sabida Olhão: he esta a Pátria
do novo Heróe, do vencedor dos mares
Co'as frageis armas d'hum Batel pequeno;
Cuja façanha audaz deixa esquecidos
de Americo, e Colombo o nome, e os feiots.

O feito heróico dos olhanenses, na opi-
nião da época, fôra maior que a dos nave-
gantes de quinhentos. De fato, e por es-
tranho que pareça, os grandes navega-
dores que vieram às Américas e foram às
Índias, alicerçaram essas grandes viagens
na arte de navegar de Sagres e na prática,
de quase meio século, de navegação à vela
no Atlântico norte e sul, usando o astro-
lábio e estudando ventos e correntes ma-
rítimas, em naus de grande calado e cara-
velas cinco a seis vêzes de maior tonela-
gem que o pequeno e frágil caíque "Bom
Sucesso". Nada foi feito ao acaso nas
grandes navegações dos portugueses dos
séculos XV e XVI, e os navegadores que
serviram à Coroa espanhola, usaram a
arte, a prática e grande parte dos conhe-
cimentos náuticos acumulados em Sagres
em dezenas de anos de estudos e de via-
gens de reconhecimento.

O caíque "Bom Sucesso", pequena em-
barcação de 900 arrobas ou, mesmo, de 15
toneladas de arqueação, tripulado por
homens que jamais haviam atravessado o
Atlântico, que desconheciam os seus ventos
e não dispunham de aparelhos e cartas
marítimas, efetuaram uma aventura que,
ao tempo, e nas condições em que foi rea-
lizada, constituiu verdadeira épopeia ma-

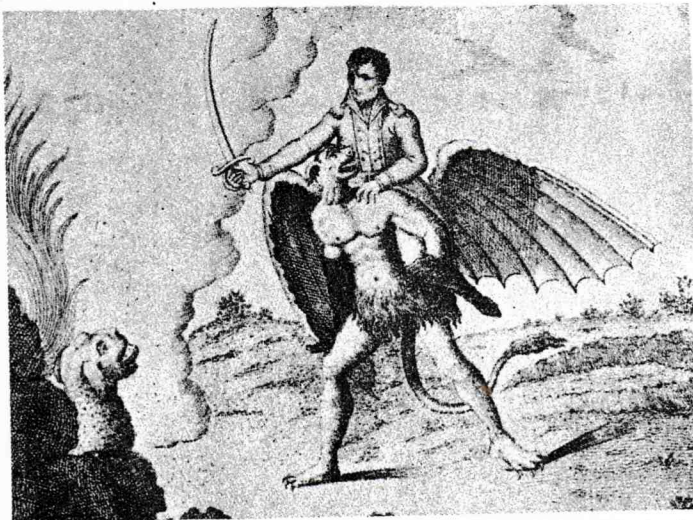
Uniforme dos caçadores portugueses em 1810.

Janeiro. Estas páginas da história, como
tôdas as páginas, também possuem os seus
capítulos pitorescos, amorosos e escabrosos,
que passaram no anedotário popular de
geração em geração, D. Carlota Joaquina,
a "Carlota hexigosa" dos pescadores e
contrabandistas olhanenses, primeiro no
Rio de Janeiro e depois em Lisboa, quando
aquêles, os seus descendentes e marítimos
recrutados, quase que exclusivamente, em
Olhão, para tripularem os bergantins reais,
usavam os seus vistosos fardamentos de
remadores, onde sobressaía o escarlate da



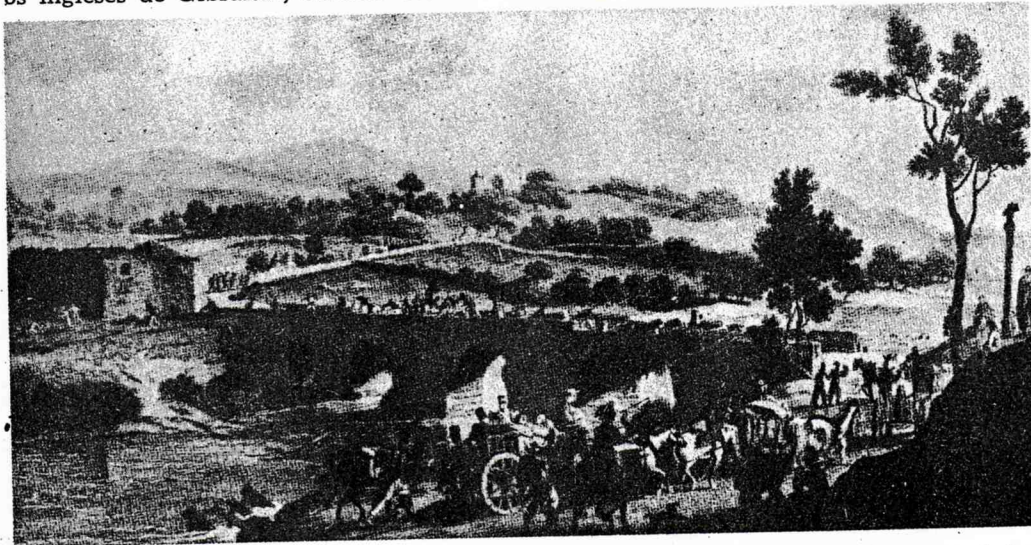
rítima. O Brasil imenso, desconhecido e grandioso, ficara gravado na alma daquele povo corajoso e liberal, de sangue aventureiro, é certo, mas patriota e leal, embora a seu modo. Não admira, portanto, que tendo D. Pedro I corrido à Europa, para defender os direitos de sua filha à Coroa de Portugal, tenha encontrado, desde a primeira hora, o povo de Olhão ao lado dos liberais, defendendo de armas na mão os direitos da filha do imperador do Brasil à sucessão do trono português.

Foram inestimáveis e elevadamente valiosos, embora ainda não devidamente apurados em toda a sua extensão, os serviços prestados à Causa Liberal e a D. Pedro, pelos algárvios de Olhão. Mas sabe-se, desde já, que os olhanenses foram aos Açores, nos seus velozes caíques, que não mais eram pequenas embarcações como o "Bom Sucesso", mas barcos de 30 e mais toneladas, prestar relevantes serviços aos liberais da ilha Terceira, transportando mantimentos e armamentos e mantendo contactos com os ingleses de Gibraltar, fazendo reconhe-



"Bonaparte de jornada para o Inferno" — Gravura e legenda da época. (Impressa na cidade de Lisboa no ano de 1809.)

cimentos e prestando informações à esquadra de D. Pedro, comandada, primeiro por Sartorius, depois por Nápier. Em terra, os olhanenses foram os primeiros a sublevar-se contra D. Miguel e sua mãe, no Reino dos Algarves, resistindo enérgica e corajosamente contra as forças do usurpador, em trincheiras construídas às pressas, ao mesmo tempo que a cólera-morbus dizimava grande parte da população da Vila da Restauração. Por virtude deste foco de resistência no Reino dos Algarves,



OS FRANCESES EM MONDIM — Na sua passagem por Mondim, as tropas francesas obrigaram os habitantes a conduzir sua artilharia, que depois, derrotados, tiveram que abandonar.

e ainda pelas informações fornecidas pelos olhanenses, resolveu D. Pedro enviar uma expedição aos Algarves, encarregando do comando o duque de Terceira, e da parte política e administrativa, o duque de Palmela. Esta expedição, tinha por fim cortar as ligações com Mértola e tomar rapidamente Tavira, importante praça militar, e Faro, capital do Reino dos Algarves, marchando depois, através do Alentejo, sobre Lisboa.

Ao anoitecer do dia 24 de junho de 1833, alvejada pelo fogo dos fortes miguelistas da costa algarvia, a esquadra de D. Pedro, comandada por Napier, desembarcam cerca de 2.500 homens na retaguarda de Tavira, numa pequena praia, entre Cacela e Montegordo. Nesta operação, que havia de ser decisiva para a causa de D. Pedro, então em posição desfavorável, tomaram parte quase uma dezena de caíques olhanenses. E, enquanto as tropas marchavam sobre Tavira, a esquadra navega para o Cabo de S. Vicente, segundo se supõe, porque um dos velozes caíques informara que a esquadra de D. Miguel, navegava em direção ao sul para dar combate à esquadra de D. Pedro.

Logo no dia seguinte, as tropas liberais derrotam os miguelistas, que tinham à frente o visconde de Molelos, governador dos Algarves, e ocuparam Tavira. No dia 26 marcham para Olhão, onde os habitantes aclamam D. Pedro e sua filha, a Rainha, recebendo as forças liberais com palmas, flores e fogos de artificios, para no dia 27 entrarem em Faro, de onde haviam retirado os miguelistas, tendo sido recebidos com repiques festivos dos sinos e foguetes.

O duque de Palmela, grande figura liberal e um dos mais ilustres portugueses do século XIX, em proclamação dirigida ao povo de Olhão, em 1 de julho de 1833, afirmava que "Desejando dar a Camara, e aos moradores da Villa de Olhão da Restauração hum testemunho publico e constante d'apreço pelos seus distinctos serviços a cauza de Sua magestade Fidelissima a Senhora D. Maria 2.^a, em Nome de Sua Magestade Imperial, lhes louvo a Lealdade e Patriotismo, de que derão agora tão evidentes provas declarando-se pela

cauza da Mesma Augusta Senhora, e fazendo a sua acclamação Publica no tempo, em que a cidade de Faro, e a de Tavira se achavão ainda em poder do usurpador. Os seus serviços, e a sua decedida resolução não forão agora menos gloriosos, do que o haviam sido na Guerra da Independência em 1808. Eu levei já ao conhecimento de Sua magestade Imperial o brioso comportamento de Olhão e estou certo que Sua Magestade Imperial Regente em Nome da Rainha, o agradecerá, e recompensará como merece; dando algum testemunho da sua Magnificencia à Villa de Olhão e attendendo com merces especiais os indivíduos, que mais se houveram distinguido."

Depois desta data, ainda os olhanenses haviam de ser portadores de auspiciosa notícia, prestando outro relevante serviço à Causa Liberal. Foi o caso da esquadra de D. Pedro, comandada por Napier, que havia rumado em procura da esquadra miguelista, encontrou-se com esta por alturas do Cabo de S. Vicente, e a derrotara e aprisionara. Um caíque olhanense levou, em primeira mão, ao duque de Palmela, que ainda se encontrava em Faro, onde ficara para organizar os serviços administrativos, a grande notícia que selava definitivamente a sorte do despótico absolutista D. Miguel.

O príncipe-regente D. João, depois D. João VI, havia concedido a carta de alforria dos olhanenses, o Alvará de 15 de novembro de 1808, passado no Palácio do Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1826, constituído o Concelho de Olhão, libertando os olhanenses da tutela dos concelhos vizinhos.

Os olhanenses, que haviam libertado os Algarves do jugo francês e vindo ao Brasil no caíque "Bom Sucesso", vinte e cinco anos depois voltavam os seus anseios para o mesmo Brasil, pegando em armas, reconhecendo D. Pedro I como legítimo herdeiro da coroa portuguesa e sua filha, D. Maria da Glória, como D. Maria II, Rainha de Portugal.

O Brasil, sempre uma constância permanente na vida do velho burgo dos pescadores e contrabandistas olhanenses, do século XIX.

JORGE RODRIGUES